



**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos**  
(Organizador)

# **Lacres Instituídos pela Sociedade e Enfrentamentos em Tempos de Exceção**

**Atena**  
Editora

Ano 2019

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Lacres Instituídos pela Sociedade e Enfrentamentos em Tempos de Exceção

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L146	Lacres instituídos pela sociedade e enfrentamentos em tempos de exceção [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-565-5 DOI 10.22533/at.ed.655190209  1. Ação social – Brasil. 2. Brasil – Política social. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.  CDD 361.610981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

**Lacres instituídos pela sociedade e enfrentamentos em tempos de exceção**, coletânea de vinte e dois capítulos de pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam sociedade e enfrentamentos.

Abordando os conteúdos trazidos nas contribuições que se seguem, temos majoritariamente estudos que abordam a psicologia nas suas múltiplas vertentes de ações na comunidade social, mas também há a questão que se volta para a política de assistência frente ao questionamento de violência e tráfico de drogas. O ambiente escolar, dialogado com a ciência da psicologia, também é abordado, de modo que perpassa pela interação com a psicopedagogia, com a teoria da psicologia educacional, chegando até os desafios da escola na atualidade e a educação especial.

Além das já suscitadas, a presente coletânea congrega também capítulos que versam sobre enfermagem, saúde mental, espaços de acolhimento, terceira idade, comunidades quilombolas, dilemas enfrentados pelo feminino na sociedade das exclusões e prática esportiva.

Tenham ótimas leituras!  
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO FAZER PSI DIANTE DA ESCOLHA PROFISSIONAL ENTRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS	
Adria de Lima Sousa Patrícia da Silva Caldas Pamella Dias da Silva Vanessa da Costa Balieiro Francisca Renilma de Moura Marinho Joana Maria de Souza Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
CLÍNICA E SUBJETIVIDADE: POR UMA NOVA VERSÃO DO DISPOSITIVO PSI	
Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A PSICOLOGIA E AS VIOLAÇÕES AOS DIREITOS DE ADOLESCENTES NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE INTERNAÇÃO	
Sidelmar Alves da Silva Kunz Mônica Marques dos Santos Adilson dos Reis Felipe	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL EM DEBATE: A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E O TRÁFICO DE DROGAS EM TEMPOS DE TRANSFORMAÇÕES SOCIETÁRIAS	
João Vitor Bitencourt Patrícia Krieger Grossi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
O CONTEXTO INSTITUCIONAL PELA ÓTICA DA CRIANÇA	
Monalisa Pereira Furtado Celina Maria Colino Magalhães Agnes de Maria Júnior da Silva Dalízia Amaral Cruz Juliana Oliveira dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
PSICOMOTRICIDADE E PSICOPEDAGOGIA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Ceres Fassarella Carneiro Joan Cristina Rios De Oliveira Isabelle Cerqueira Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902096</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
ESTADO DA ARTE DE REFERENCIAIS TEÓRICOS DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL: 1990-2016	
Paulo Emilio Gomes Nobre	
Emanuelle das Dores Figueiredo Socorro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
PSICOLOGIA ESCOLAR E PROCESSOS EDUCACIONAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Fabrício Costa Leite Barros	
Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
OS DESAFIOS NA ESCOLA: FORTALECENDO O JOVEM DIANTE DA TRANSIÇÃO ESCOLAR	
Vinícius Nunes dos Santos	
Tatiana Souza de Oliveira	
Adinete Sousa da Costa Mezzalira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS AUTISTAS NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO	
Iana Paola Monte Freire	
Karine Lima Verde Peixoto	
Fábia Geisa Amaral Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
QUALIDADE DE SONO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE ESTUDAM PELA MANHÃ E A NOITE DURANTE A SEMANA DE PROVAS	
Thamara Xavier Dias	
Aline Silva Belísio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
ESTAGIÁRIO DE ENFERMAGEM: LUTO POR MORTE VIOLENTA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS	
Rosane Albuquerque da Costa	
Isabela Vieira da Silva Santos	
Alisson Soares de Sousa	
Hossana Pereira Eugênio	
Jéssika Koste Sangali	
Lucas Costa Marins Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>132</b>
CUIDADOS COM A SAÚDE MENTAL DOS SERVIDORES DO HOSPITAL GERAL PRADO VALADARES EM JEQUIÉ/BA	
Aida Lomanto Couto	
Elzeni Damasceno de Souza	
Tatiane Tavares Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020913</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
ANÁLISE DAS VISITAS FAMILIARES EM UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DE BELÉM-PA	
Juliana Oliveira dos Santos	
Celina Maria Colino Magalhães	
Agnes de Maria Júnior da Silva	
Monalisa Pereira Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>156</b>
O ADEUS AO ABRIGO: NO CURSO DA MAIORIDADE, A REEDIÇÃO DO DESAMPARO	
Natalia Afonso Rubio	
Rita Aparecida Nicioli Cerioni	
Eliana Herzberg	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
RODAS DE CONVERSA COM IDOSOS: ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÕES E DE ENFRENTAMENTOS EM TEMPOS AUSTEROS	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Matheus Bassan Alvino Brombim Lopes	
Amailson Sandro de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>177</b>
REALIDADE E EXPECTATIVA DA POLÍTICA NACIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE PARA PESSOAS IDOSAS QUE VIVEM EM SITUAÇÃO DE RUA	
Carine Magalhães Zanchi de Mattos	
Patrícia Krieger Grossi	
Francielli Girard	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>189</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA E SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO: AS MARCAS DA EXCLUSÃO SOCIAL NA SUBJETIVIDADE HUMANA	
Fabrício Costa Leite Barros	
Orlando Júnior Viana Macêdo	
Vânia Santana Lacerda Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>193</b>
MISSÃO LAPASSADE-1972: COINCIDÊNCIAS ANALISADORAS	
Marília Novais da Mata Machado	
Sônia Roedel	
Heliana de Barros Conde Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>205</b>
A MULHER DONA DE CASA BENEFICIÁRIA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA	
Antonia Danniele Jeska Torres de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020920</b>	

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>215</b>
MULHERES E O DIREITO DE <i>ESTAR</i> SÓ: DA LIBERDADE JURÍDICA AO PRECONCEITO SOCIAL	
Aline Podkowa	
Rosângela Angelin	
DOI 10.22533/at.ed.65519020921	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>227</b>
ANÁLISE DE DADOS SOBRE MOTIVAÇÃO DE PRATICANTES E FREQUENTADORES DE ACADEMIA	
Lucas Augusto Menezes	
Breno Lara Beraldo	
Vitor Miranda de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.65519020922	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>231</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>232</b>

## OS DESAFIOS NA ESCOLA: FORTALECENDO O JOVEM DIANTE DA TRANSIÇÃO ESCOLAR

### **Vinícius Nunes dos Santos**

Psicólogo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFAM. Bolsista CAPES. Manaus – Amazonas

### **Tatiana Souza de Oliveira**

Psicóloga pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Aluna do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Manaus – Amazonas

### **Adinete Sousa da Costa Mezzalira**

Psicóloga. Professora Adjunta I da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAM. Membro do GT Psicologia Escolar e Educacional da ANPEPP. Manaus – Amazonas

**RESUMO:** Este trabalho relata uma experiência de intervenção, desenvolvida no Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar e Educacional, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A proposta do estágio era a de promover o fortalecimento emocional de todos os envolvidos na ação educativa diante de situações de vulnerabilidade social. O bem-estar emocional e social de todos os envolvidos no processo educativo é um objetivo que

alicerça a ação da(o) psicóloga(o) nas escolas. A partir do momento em que a realidade da sala de aula foi vivenciada pelos estagiários de Psicologia, percebeu-se a ansiedade dos alunos diante da mudança de ciclo escolar, onde a presença de mais disciplinas, mais professores e mais trabalhos escolares deixavam-lhes preocupados sobre essa nova trajetória escolar. Os sentimentos/emoções escolhidos para o 6º ano foram ambivalentes, de acordo com os binômios que os quatro grupos elegeram: (1º) tristeza / medo; (2º) medo / alegria; (3º) medo / esperança; (4º) tristeza / medo. Esse panorama muda em comparação aos sentimentos que os grupos escolheram para o que vivenciaram no 5º ano: (1º) esperança / alegria; (2º) alegria / raiva; (3º) alegria / raiva; (4º) alegria / medo. Trabalhar a fase de transição escolar promove um maior acolhimento às necessidades emocionais dos alunos e os aproximam dos professores. A(O) psicóloga(o) escolar precisa verificar quais são as situações no contexto escolar que provocam o sofrimento psíquico nos estudantes e que impedem o seu bem-estar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Escolar. Ensino Fundamental. Transição escolar. Adolescência.

**CHALLENGES AT SCHOOL:  
STRENGTHENING THE YOUNG BEFORE**

## SCHOOL TRANSITION

**ABSTRACT:** This paper reports an intervention experience, developed at the Supervised Internship in School and Educational Psychology, Federal University of Amazonas (UFAM). The internship proposal was to promote the emotional strengthening of all those involved in the educational action in situations of social vulnerability. The emotional and social well-being of all those involved in the educational process is an objective that underpins the action of the psychologist in schools. From the moment that the reality of the classroom was experienced by the trainees of Psychology, it was noticed the anxiety of the students in the face of the change of school cycle, where the presence of more disciplines, more teachers and more school work left them worried about this new school trajectory. The feelings / emotions chosen for the 6th grade were ambivalent, according to the binomials that the four groups chose: (1st) sadness / fear; (2nd) fear / joy; (3rd) fear / hope; (4th) sadness / fear. This panorama changes in comparison to the feelings that the groups chose for what they experienced in the 5th grade: (1st) hope / joy; (2nd) joy / anger; (3rd) joy / anger; (4th) joy / fear. Working the school transition phase promotes a greater acceptance of students' emotional needs and brings them closer to teachers. The school psychologist needs to check the situations in the school context that provoke the psychic suffering in the students and that impede their well-being.

**KEYWORDS:** School Psychology. Elementary School. School transition. Adolescence.

### 1 | APRESENTAÇÃO

Este trabalho relata uma experiência de intervenção, desenvolvida no Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar e Educacional, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), realizado numa Escola Municipal da Zona Sul de Manaus-AM. A vivência nessa instituição educacional ocasionou o contato com uma realidade marcada pela violência, tornando-se frequentes os relatos da escola acerca de alunos envolvidos com drogas ou em atos infracionais.

A proposta do estágio era a de promover o fortalecimento emocional de todos os envolvidos na ação educativa diante de situações de vulnerabilidade social. O enfrentamento dos novos desafios que se apresentavam na escola, dentre eles a transição escolar, foi uma demanda que se sobressaiu e que nos convocou a desenvolver um projeto voltado aos adolescentes. Diante disso, esse capítulo irá problematizar os impactos das mudanças de ciclo escolar e apresentará a importância do psicólogo escolar no enfrentamento dessa demanda.

### 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos dias de hoje, não se pode pensar ingenuamente na “educação”. A educação possui uma função social permanente. Pinto (1991) advertiu que “na sociedade todos

educam a todos permanentemente. Como o indivíduo não vive isolado, sua educação é contínua. [...] Não existe sociedade sem educação” (p. 38). Nessa passagem citada, anteriormente, percebe-se que a educação é um fator cultural, não sendo a escola exclusiva transmissora dos conhecimentos humanos adquiridos através dos tempos.

Dissonante a essa ideia, a pedagogia tradicional traz à tona outro modelo de educação, centrado na escola. Surgindo como um antídoto à ignorância, seu papel máximo seria difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. Por mais que o modelo da pedagogia tradicional esteja ultrapassado, pelo menos teoricamente, no senso comum ainda persistem a figura do professor como o detentor de todo o saber e o aluno como o inculto, sem nada a transmitir ao seu mestre (SAVIANI, 1982).

Mesmo com características tradicionais ainda tão bem marcadas, a educação, especialmente no Brasil, a partir da década de 1980, surge com propostas de democratização da escola pública básica (PARO, 2011). Esses projetos nascem como promotores da partilha do poder entre dirigentes, professores, pais, funcionários, a fim de facilitar a participação de todos os envolvidos nas tomadas de decisões relativas ao exercício das funções da escola. Aparecem no cenário escolar dispositivos como a Associação de Pais e Mestres (APM), o conselho de classe e o conselho de escola.

Infelizmente, a participação da comunidade escolar não acontece como deveria. Na maioria das vezes, esses dispositivos de participação funcionam como uma simples estratégia de legitimação da ordem instituída, podendo chegar a uma participação “decorativa”, ou então, episódica, concentrando-se em determinados momentos e em eventos muito específicos, como festas comemorativas (SÁ, 2001).

A respeito dessa participação da comunidade nas escolas, a pesquisa de Guzzo et al. (2018) retratou os dilemas, as possibilidades e os desafios presentes na relação da família com a escola. Para as referidas autoras, torna-se importante incluir espaços políticos de debate com a comunidade escolar, em especial a família, para promover o processo de conscientização diante dos seus direitos em participar democraticamente na construção do trabalho pedagógico.

A escola tem um lugar privilegiado como local onde ocorrem os principais processos educativos intencionais que, em conjunto com outros, integram a educação como prática social (MARTINEZ, 2010). Essa visão que coloca a escola para além de transmissora do aprendizado curricular, tem convocado a entrada de profissionais que possam contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes e educadores, dentre eles, podemos citar a atuação da(o) psicóloga(o) escolar.

A Psicologia Escolar, de acordo com Martinez (2010), não está definida em função de um campo estreito de saberes da Psicologia, mas sim a partir de um “campo de atuação profissional que requer a utilização dos múltiplos e diversos saberes organizados em diferentes áreas da Psicologia como ciência particular” (p. 42). Complementou, ainda, argumentando que é impossível contribuir para um processo educativo eficaz sem compreender a complexidade e plurideterminação dessas

diversas áreas psicológicas.

Em relação à Psicologia na escola, o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP – Conselho Federal de Psicologia – CFP, 2013) indicou que o saber psicológico fundamenta-se no entendimento da dimensão subjetiva no processo de ensino-aprendizagem, assim como as temáticas que abordam o desenvolvimento, relações afetivas, prazeres e sofrimento, comportamentos, ideias e sentimentos, motivação e interesse, aprendizagem, socialização, significados, sentidos e identificações, contribuindo para a valorização dos sujeitos envolvidos nas relações escolares.

O CREPOP compreende que a ação da(o) psicóloga(o) pode se encaminhar para a transformação ou para a manutenção da sociedade, tal qual está constituída. E, portanto, o compromisso social desse profissional na escola deve envolver toda a comunidade escolar – pais, professores, funcionários e estudantes – com o objetivo de atuar no coletivo de forma democrática, visando o bem-estar de todos e todas (CFP, 2013).

Ainda nessa perspectiva de atuação da(o) psicóloga(o) escolar, torna-se necessário conhecer a circulação discursiva que inclui e responsabiliza a escola e seus atores no processo do aprender, isso porque os agentes educacionais são coautores da produção do discurso e, dessa forma, são responsáveis por aquilo que fazem ou dizem. A importância de incluir espaço de escuta psicológica foi defendida por Marinho-Araujo e Almeida (2005) ao considerarem que o psicólogo escolar precisa desenvolver competências que o habilite a entender e analisar as “vozes institucionais” para, a partir disso, intervir nos processos relacionais no ambiente escolar.

O bem-estar emocional e social de todos os envolvidos no processo educativo é um objetivo que alicerça a ação da(o) psicóloga(o) nas escolas. De acordo com Guzzo, Moreira e Mezzalira (2011), a atuação desse profissional deve ser permeada por uma atividade psicossocial que contemple as dimensões psicológicas dos autores e as sociais, no caso, analisar os impactos dos eventos cotidianos no seu processo de desenvolvimento. Essa interdependência entre os aspectos psicológicos e sociais deve ser compreendida de forma dialética, pois cada sujeito será afetado de forma diferente nos seus diversos contextos de convivência.

Seguindo essa linha de pensamento, percebemos que a escola é um espaço onde os sujeitos protagonizam uma ação que reflete as dimensões afetivas, sociais e políticas de nossa sociedade e, portanto, a construção de si está atrelada ao seu contexto social imediato. Essa compreensão dialética e histórica do sujeito nos orienta a pensar a adolescência nos dias atuais.

Durante muitos anos, adolescência era vista como um período muito difícil, por estar repleta de conflitos, instabilidades e mudanças de comportamentos, que consequentemente refletiriam socialmente. Leal e Facci (2014) alertaram que a interpretação da adolescência como um “período difícil” deve ser considerado algo danoso. Descrever esse adolescente como um sujeito caprichoso, inconformado com

os valores e com as tarefas sociais e escolares, traz como prejuízos o decréscimo do desejo pelo estudo, pelo respeito ao outro, colaborando para a expressão de comportamentos intolerantes, impacientes ou, até mesmo, inexplicáveis.

De acordo com Senna e Dessen (2012), ao adotar uma visão relacional e contextual, as pesquisas na área da adolescência estabeleceram relações específicas entre os aspectos do indivíduo e de seus contextos de desenvolvimento. Pensando no contexto escolar, tornou-se importante identificar desafios, potencialidades e possibilidades de desenvolvimento das reais competências do adolescente.

Moreira e Guzzo (2016) explicaram que a escola é o espaço preponderante da organização e promoção do desenvolvimento humano, e que o psicólogo deve integrar-se com a mesma, observando, assim, um princípio de que o desenvolvimento pedagógico é um processo psicológico, ao passo que o desenvolvimento psicológico somente se torna real no processo pedagógico.

Diante dessa visão, que integra o psicológico e o pedagógico, constatamos a importância de desenvolver uma atividade direcionada aos adolescentes que se encontravam nessa fase de transição escolar. Essa preocupação é, também, compartilhada em outros países, como Portugal. O pesquisador Bento (2007) explicou que as mudanças do ciclo escolar podem causar angústia nos alunos, porque quando começam as mudanças da adolescência em nível físico, emocional e social, as crianças encontram-se num ambiente escolar diferente do que estavam acostumadas. Para alguns, essa mudança marca a descida em espiral em relação ao rendimento acadêmico, desistência escolar e outros problemas.

### **3 | PERCURSO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA**

As atividades desenvolvidas pelos estudantes de Psicologia ocorreram em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Manaus (AM). A unidade escolar, na época, era composta por 33 profissionais e atendia, aproximadamente, 372 alunos nos turnos matutino e vespertino, com idades entre 6 e 18 anos.

No contato com a escola, primeiramente, ocorreu a apresentação dos estagiários, esclarecendo a função da(o) psicóloga(o) escolar e firmando a possibilidade da realização da intervenção. Para a construção das estratégias de ações na escola, realizamos o levantamento da demanda com 23 alunos do 6º ano – com idades entre 11 e 14 anos – seus professores e a equipe gestora da escola, por meio de conversas e observações dos estagiários, direcionadas ao relacionamento social dos adolescentes.

Diante disso, elaboramos propostas voltadas à fase de transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II. Essa proposta foi pensada com o intuito de identificar quais sentimentos ou emoções estavam presentes nessa nova fase da vida. Para isso, os estagiários levaram seis palavras escritas: alegria, tristeza, raiva, medo, esperança e fé. Divididos em grupos, os alunos deveriam escolher palavras que representassem o já vivenciado no 6º ano, até aquele momento. Depois disso, os

mesmos grupos deveriam escolher as palavras que representassem as suas trajetórias no 5º ano.

#### 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão dos resultados foi possível mediante os registros de seis diários de campo, que narraram os encontros desde o primeiro contato com a equipe gestora até o encerramento desta atividade, em questão. Os diários de campo ocuparam lugar de destaque na prática escolar, pois através de suas análises surgiram novas indagações que delinearam o desfecho do estágio nessa escola.

A partir do momento em que a realidade da sala de aula foi vivenciada pelos estagiários, percebemos a grande ansiedade dos alunos em cursar uma nova etapa em suas vidas acadêmicas, onde a presença de mais disciplinas, mais professores e mais trabalhos escolares deixavam-lhes preocupados sobre o transcurso do ano letivo. Um dos grandes temores da turma era em relação à disciplina de Língua Inglesa, com a qual muitos deles nunca haviam entrado em contato.

Outro fator de impacto para a turma estava relacionado à mudança de turno escolar: passaram a estudar no período vespertino, após estarem acostumados desde o 1º ano a estudar no período matutino. Tal mudança era amenizada, devido à quase totalidade dos alunos ter estudado junto nas mesmas turmas, desde o início de suas vidas acadêmicas naquela escola. Com base nas expressões dos alunos, observamos a importância das redes de apoio facilitando nessa fase de transição, visto que a vinculação afetiva entre os alunos poderá contribuir para o trabalho coletivo de enfrentamento ao novo que se apresenta, uma vez que, segundo Melillo (2005), realizar tarefas no coletivo contribui tanto para o sentimento de pertencimento ao grupo, quanto favorece a heterogeneidade, a inclusão, a cooperação e as responsabilidades compartilhadas.

Ainda nesse processo de escuta e diálogo com os adolescentes, constatamos percepções ambivalentes na turma do 6º ano, sobre o que esperavam para aquele transcurso de período letivo. Dentre seis sentimentos/emoções (alegria, tristeza, raiva, medo, esperança e fé), os grupos de alunos deveriam escolher apenas duas palavras que representassem o que experienciavam naquele momento. Os sentimentos/emoções escolhidos para o 6º ano foram ambivalentes, de acordo com os binômios que os quatro grupos elegeram: (1º) tristeza / medo; (2º) medo / alegria; (3º) medo / esperança; (4º) tristeza / medo. Esse panorama muda em comparação aos sentimentos que os grupos escolheram para o que vivenciaram no 5º ano: (1º) esperança / alegria; (2º) alegria / raiva; (3º) alegria / raiva; (4º) alegria / medo.

Em geral, o medo e a tristeza dos alunos estavam relacionados aos novos professores e às novas atividades escolares, gerando-lhes dúvidas e inseguranças sobre a aprovação no final do ano, ou se conseguiriam compreender todo o conteúdo

das disciplinas. Mesmo assim, ainda relataram a alegria em cursar o 6º ano e a esperança na aprovação para o 7º ano.

Diante dessa exposição, concordamos com Melillo (2005) ao afirmar a necessidade de equilibrar exigência e afeto no processo educativo, ou seja, a escola deve estimular nos alunos a confiança em si para aprender e construir a visão de um professor comprometido com os alunos e capaz de ajudá-los nos momentos de adversidade. Para o referido autor, é importante que o professor reconheça a potencialidade do aluno em aprender, pois irá favorecer a autoestima, a autonomia, bem como poderá estimular nesse aluno a capacidade de resolver problemas, instaurando um clima de afeto e alegria.

No que diz respeito à vivência no 5º ano, a turma discorreu sobre a alegria em estar com uma só professora, que os elogiava depois dos trabalhos escolares e sobre a amizade com seus amigos de infância (ressaltando que muitos na turma estudavam juntos desde o 1º ano). Outros comentários estavam relacionados à raiva de alguns colegas que os aborreciam e quando um professor não os liberava para as aulas de Educação Física. Um grupo relatou o medo em ficarem reprovados no 5º ano e o outro grupo disse ter esperança em passar de série ao final do ano letivo.

Muito dessas emoções/sentimentos elencados se dá pelo relacionamento que os professores do 6º ano mantinham com a sua turma. De acordo com Almeida (2012) fatores como o tempo do professor em sala de aula e a quantidade de turmas podem atravancar uma rotina de aproximação e conhecimento da vida dos alunos. A autora ainda destacou que o aluno pode apresentar dificuldade nessa fase de transição em virtude do contato diário com vários professores, disciplinas específicas com curto tempo de aula e horários diferentes a cada dia da semana, entre outros fatores.

De modo geral, no término das discussões sobre o tema da transição escolar, procuramos fortalecer nos alunos o sentimento de pertencimento, demonstrando que a maioria estava passando pelos mesmos anseios e questionamentos. A própria atividade foi pensada para oferecer autonomia à turma, sobre quais seriam os componentes de cada grupo, qual nome cada grupo escolheria para si, ou se não queria participar da atividade. Além do sentido de identidade grupal, buscou-se também dar voz aos alunos e criar um clima de cooperação e respeito entre eles.

Carvalho, Meireles e Guzzo (2018) destacaram a potencialidade que existe nos espaços participativos, onde devem fornecer condições para que os alunos aprendam a argumentar, negociar e cumprir negociações, direcionar seus problemas diários, criando uma escola mais interessante e que faça sentido no curso de sua vida. O papel da Psicologia, nesse contexto, segundo os pesquisadores, seria “contribuir de forma tática para o fortalecimento das relações democráticas, diante do contexto de ataques aos direitos que a população brasileira tem vivenciado, tendo como horizonte estratégico a emancipação humana” (p. 381).

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser o trabalho da(o) psicóloga(o) escolar orientado a todos os atores sociais envolvidos no contexto da escola, faz-se necessário, também, desmistificar o papel do professor. Trazer à baila o modo como os professores imaginam seu papel, e quais discursos em torno dele impedem seu exercício eficaz, ajuda-os na responsabilização pelo processo do aprender àqueles que tão de perto os acompanham. A figura do professor pode, através da sua atuação, demarcar um território tradicionalista, patologizador e infértil, ou, imbuído do poder político-crítico, proporcionar uma educação que contribua para a vida dos seus alunos, afastando, assim, a suposta “neutralidade” no processo educacional. Como já mencionado, anteriormente, abandonar a perspectiva tradicionalista de pedagogia é também romper com o ciclo que culpa os alunos e os professores pelo seu fracasso escolar, ampliando a visão para um contexto dialético da realidade.

Ser psicóloga(o) em uma instituição escolar não é tarefa fácil. Ao mesmo tempo em que se deve trabalhar com toda a comunidade, ainda há o constante exercício de desmistificar o papel da Psicologia na Escola. E esses foram alguns pontos trabalhados durante o Estágio. Além disso, a proposta de intervenção com os aspectos que permeiam o sentimento de pertencimento à comunidade escolar pelos adolescentes foi usada como fator de fortalecimento psicossocial.

Trabalhar a fase de transição escolar promove um maior acolhimento às necessidades emocionais dos alunos e os aproximam dos professores. A(O) psicóloga(o) escolar precisa verificar quais são as situações no contexto escolar que provocam o sofrimento psíquico nos estudantes e que impedem o seu bem-estar. Dar voz aos adolescentes e jovens, não desprezando aquilo que eles trazem de suas vivências cotidianas, faz toda a diferença na prática da(o) psicóloga(o) escolar, pois fortalece o sentido de identidade e de pertencimento, tirando-lhes do lugar de invisibilidade na instituição escola e os alçando a um lugar de mais protagonismo.

Por outro lado, a(o) psicóloga(o) escolar deve estar atento, também, à demanda dos professores, estando sensível a muitos dos percalços encontrados por estes em seu fazer profissional, contudo conscientizando-lhes sobre esse processo de transição, a fim de evitar o desencadeamento de relações opressoras e violentas. Dessa forma, a intervenção apenas com os alunos não é suficiente. Torna-se necessário incluir os educadores nessas atividades, para prevenir os problemas psicossociais oriundos de um contexto social violento.

A trajetória de práticas psicológicas na escola deve ser feita assim: com criatividade, paciência, escuta e acolhimento. Dialogar, ao invés de impor seus conceitos particulares. Mostrar a possibilidade de escolha que os alunos terão pela frente e colocá-los como sujeitos de mudança, capazes de transformar a sua história. É nesse sentido que fica demarcada a falta que faz um profissional da Psicologia na escola. Ampliar a visão da comunidade escolar para as infinitas possibilidades que

aquele público pode vir a ter, quer seja a visão dos alunos, a dos professores e equipe gestora, ou a dos pais e responsáveis.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Telma Cristina Vitta de. **Escola e família: a necessária parceria na transição dos alunos do quinto para o sexto ano.** Ribeirão Claro: Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2012.

BENTO, Antonio V. Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: perspectivas dos alunos do 5º ano (2º ciclo). In: SOUSA, J; FINO, C. (Orgs). **A escola sob suspeita.** Porto: Edições Asa, 2007.

CARVALHO, João Paulo Mendes; MEIRELES, Jacqueline; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Políticas de participação de estudantes: psicologia na democratização da escola. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 2, p. 378-90, abr./jun. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para Atuação de Psicólogos(os) na Educação Básica.** Brasília: CFP, 2013.

GUZZO, Raquel Souza Lobo; MOREIRA, Ana Paula Gomes; MEZZALIRA, Adinete Sousa da Costa. Avaliação psicossocial: desafios para a prática profissional nos contextos educativos. **Avaliação Psicológica**, v. 10, n. 2, p. 163-71, 2011.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. et al. Psicologia escolar e família: importância da proximidade e do diálogo. In: MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. et al. (Orgs). **Psicologia escolar crítica: atuações emancipatórias nas escolas públicas.** Campinas: Alínea, 2018.

LEAL, Zaira F. de Rezende Gonzalez; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In: LEAL, Zaira F. de Rezende Gonzalez (Org.). **Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação.** Maringá: Eduem, 2014.

MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional.** Campinas: Alínea, 2005.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. O que pode fazer o psicólogo na escola?. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

MELILLO, Aldo. Resiliência e educação. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; cols. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MOREIRA, Ana Paula Gomes; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Situação-limite e potência de ação: atuação preventiva crítica em psicologia escolar. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 204-15, abr./jun. 2016.

PARO, Vitor Henrique. **Crítica da estrutura da escola.** São Paulo: Cortez, 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SÁ, Virginio. **A (não) participação dos pais na escola: a eloquência das ausências.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FONSECA, Marília (Orgs.). **As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola.** 2.ed. Campinas: Papyrus, 2003.

SAVIANI, Demerval. **As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina.** Caderno de Pesquisa, São Paulo, v. 42, p. 8-18, 1982.

SENNA, Sylvania Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101-8, jan./mar. 2012.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Autismo 100, 101, 102, 104, 109, 111

### B

Bolsa Família 8, 184, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213

### C

Classe Social 47, 103, 104, 172

Comunidade Quilombola 8, 189, 190, 191

Consequências Psíquicas 7, 120, 122, 124, 129

Criança 6, 13, 17, 18, 24, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 70, 72, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 163, 164, 222

### D

Desamparo 8, 128, 156, 158, 164

Desigualdade 1, 44, 45, 171, 192, 202, 217, 218, 222, 225

Direitos 6, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 61, 62, 63, 93, 97, 109, 110, 144, 149, 154, 158, 164, 165, 170, 175, 177, 183, 184, 185, 187, 189, 190, 191, 206, 207, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 231

### E

Educação Especial 5, 7, 64, 100, 101, 105, 109

Enfermagem 5, 7, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 158, 175, 188

Enfrentamentos 2, 5, 8, 25, 50, 165

Ensino Superior 104, 114, 120, 128, 199

Escola 5, 7, 1, 2, 3, 4, 12, 13, 18, 40, 65, 71, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 129, 133, 141, 142, 155, 177, 181, 199, 202, 231

Espaço de Acolhimento 8, 143, 146, 149, 151

Exclusão Social 8, 45, 103, 104, 189, 190

### L

Liberdade 9, 24, 25, 27, 30, 33, 34, 39, 43, 114, 156, 158, 182, 199, 203, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 225

Luto 7, 120, 124, 129, 130

## M

Medidas Socioeducativas 6, 23, 24, 27, 30, 31, 34, 37, 38

Mulher 8, 160, 205, 206, 209, 210, 212, 213, 215, 218, 220, 221, 222, 224, 226

## P

Pessoa Idosa 179, 183

Política de Assistência 5, 6, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 49, 207, 212

Prática Esportiva 5, 227

Processos Educacionais 7, 87, 88

Psicologia 5, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 16, 21, 22, 23, 24, 33, 34, 38, 39, 52, 61, 63, 68, 69, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 112, 115, 116, 117, 119, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 154, 155, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 200, 202, 203, 227, 228, 230

Psicologia Educacional 5, 7, 76, 78, 87

Psicopedagogia 5, 6, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75

## S

Saúde Mental 5, 7, 11, 12, 13, 18, 47, 50, 70, 91, 132, 133, 135, 136, 137, 142

Sistema Regular de Ensino 7, 100, 101, 104

Situação de Rua 8, 43, 146, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

Sociedade 2, 5, 3, 4, 6, 7, 16, 26, 27, 33, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 61, 70, 81, 88, 92, 93, 94, 102, 107, 109, 113, 154, 155, 168, 170, 171, 175, 177, 178, 183, 188, 190, 191, 192, 201, 202, 206, 209, 213, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Sociologia 68, 203

Sono 7, 58, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Subjetividade 6, 8, 6, 7, 9, 10, 11, 20, 62, 84, 139, 154, 159, 167, 172, 189, 192, 204, 226

## T

Transição Escolar 7, 91, 92, 95, 97, 98

## V

Violência 5, 6, 14, 16, 24, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 63, 92, 103, 120, 122, 129, 146, 178, 179, 180, 183, 193, 195, 196, 202, 203, 219, 225

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-565-5

